

ENTREVISTA: A ESCOLA E A PANDEMIA¹

Cheila Maria Schröer²



Fotograma extraído da primeira aula de filosofia para crianças ministrada em formato online (vídeo disponibilizado no canal YouTube) pelo Centro Integrado de Desenvolvimento, em junho de 2020.

¹Entrevista concedida a Revista Fronteiras em Psicologia em junho de 2020, através de mensagens de áudio compartilhadas no aplicativo WhatsApp. Foi realizada a transcrição literal, procurando através da pontuação oferecer indicativos da entonação empregada, e preservando eventuais termos e expressões coloquiais. Isso se fez na intenção de enriquecer a experiência de comunicação possível que se tem na leitura de uma entrevista originalmente realizada através da voz.

²Terapeuta Ocupacional (IPA), especialista em estimulação precoce (HCSA), especialista em desenvolvimento social da família (ULBRA), formação em psicanálise (APPOA), diretora e terapeuta ocupacional do Centro Integrado de Desenvolvimento (CID).

Fronteiras em Psicologia: Na sua percepção, que tipo de efeito psicológico a quarentena tem provocado nas crianças e em suas famílias?

Cheila Maria Schröer: Eu acho que, dado o tempo, e ainda, a perspectiva, nós estamos num processo de migração de sensações, tanto as famílias quanto as crianças. Penso que as crianças ainda não compreenderam do que se trata isso. Acho que eles buscam a cada dia, nas nossas ações e nas nossas falas, e nas notícias que eles escutam, uma referência para conseguir entender, e também bastante subjetivo, porque nem tudo o que é dito é o mesmo que é entendido. Temos que considerar isso. Então eu penso que as crianças estão em processo de compreensão, ainda, do que se trata. As famílias, acho que também passaram, passam por etapas, mas agora me parece que existe um acomodar maior no sentido de entender daonde pode vir o auxílio para as crianças. E eu não estou nem falando da questão escola, porque eu acho que a questão escola é delicada, segue de uma forma subjetiva em duas instâncias: a primeira, dependendo de cada escola, de como cada escola percebe o seu aluno e a necessidade de se colocar diante dele. E a segunda, de cada criança, que pode ter mais tranquilidade no trabalho remoto, como pode ter uma aversão a ele, e não conseguir se colocar da maneira como conseguiria dentro de uma sala de aula.

Se a gente pensar na escola enquanto um lugar onde as gerações passaram, perpassaram por ela, a gente vai perceber a família como uma leitura daquele lugar, trabalhando em cima de rememorar o seu funcionamento, e talvez não conseguindo entender, por falta de experiência, de que maneira se aprende da forma como está sendo proposta para as crianças durante esse processo da pandemia. Nós somos de natureza social, de natureza... indivisíveis no sentido do desenvolvimento, então compreender tudo isso me parece bastante complexo, mesmo. E eu acho que a gente está testando a nossa flexibilidade e a nossa possibilidade de nos agregarmos de outra forma. Uma das coisas que talvez me pareça bem evidente que se testa agora é a capacidade do diálogo. Porque tanto para respaldar um colo, uma explicação, a gente precisa conversar — como para dizer “não tá bom prá mim, eu preciso que a escola, ou a minha casa seja feita de uma outra forma diante de tudo isso”. E aí me vem o valor do ensinar a criticidade às crianças, porque é mais um instrumento que elas têm nesse momento onde falta muita coisa, onde nós estamos privados de muita coisa, e de repente o diálogo é uma alternativa, é uma estratégia, é uma

relevante — eu não queria usar a palavra arma, porque eu não gosto dela, então vamos usar: é um relevante artifício pró-criança, e pró-família também.

Dentro do processo da inclusão escolar a gente vinha falando sempre sobre... as escolas em geral falando sempre sobre a heterogeneidade no aprendizado e a necessidade de a escola se adaptar à necessidade de cada um. Agora, nesse momento, é a provação disso, é a capacidade que a gente vai ter de olhar para o funcionamento de cada um dos nossos alunos e entender a limitação real ou temporária e de que maneira nós vamos estimular para enfrentar esses desafios, que são... Tem um filósofo que fala um pouco sobre isso — acho que é Epicuro — são as coisas que a gente não tem acesso mas ao mesmo tempo a gente tem acesso. É aquilo que não nos diz respeito, mas a maneira como a gente vai sair disso é absolutamente a depender de cada um de nós.

E, pra concluir então, e efetivamente indo direto à tua pergunta sobre o efeito psicológico, eu já falei um pouco, mas eu vou reiterar mais objetivamente: eu acho que não existe um efeito psicológico. Existem inúmeros efeitos psicológicos. Foi o efeito de reencontro em alguns casos, foi o efeito de se dar conta da impossibilidade em outros casos, fortaleceu e enfraqueceu, acho que gere todos os tipos de exercício de habilidade, o efeito psicológico que causou tanto nas famílias quanto nas crianças.

Fronteiras em Psicologia: E quais têm sido as repercussões psicológicas da quarentena nas equipes de ensino de educação infantil?

Cheila Maria Schröer: Com relação à equipe, o que que eu procurei fazer já na segunda semana (ainda sem a clareza do tempo que nós íamos estar distanciados)? Eu gerei uma reunião que ficou sistemática, semanalmente, para poder escutar os profissionais que estavam também em casa com os seus familiares, também tendo que trabalhar remotamente, tendo que ser criativos pra poder gerar uma boa escola, um bom processo de aprendizagem, e aí pra mim foi fundamental esse exercício de diálogo entre os profissionais também. Uma coisa que foi muito interessante foi perceber a vulnerabilidade em que as pessoas ficaram, mas que não era uma vulnerabilidade coletiva. O coletivo se prestou a ser contingente porque, ora um grupo estava mais vulnerável, ora outro grupo estava mais vulnerável, então dentro disso as pessoas se apoiavam, como se, se apóiam, enfim, a gente segue com esse processo, mas a minha percepção inicial foi essa: havia um apoio

sistemático de um grupo para o outro e vice-versa, desconsiderando inclusive qualquer questão de parceria direta na escola. Tinha um apoio entre eles, mesmo distantes. E eu acho que o que eu tenho escutado e lido muito, de uma maneira geral, não dos profissionais do CID, mas de um todo, é um cansaço muito grande na elaboração desse trabalho, que não é o olho no olho, que não é aquela pergunta que vem direta após a tua explicação, e que concerne em dar uma explicação bacana pra todo mundo, aquela pergunta que um faz e que ajusta o desejo do outro em poder saber um pouco mais. A gente tá vetado dessa possibilidade.

Seguindo um pouco mais, eu tive notícias, então já num percurso do meu atendimento clínico, de profissionais que buscaram um apoio específico pra seguirem, porque estavam dando conta das suas famílias, dos seus trabalhos remotos, de ter que ter criatividade... Eu acho que foi um baque muito grande para os professores, para os profissionais das escolas em geral. Porque por mais que tenha um esforço generalizado para fazer as coisas darem certo — e eu falo nesse esforço dependendo, obviamente, de cada escola, de cada rede de escola, e como pretendeu ou pretende seguir com esse percurso — tem um esforço bem considerável dos profissionais para estarem adequados ao que a demanda do seu trabalho determina que estejam. A gente não tinha essa vivência de não estar com as crianças, de não ouvir a queixa, de não ouvir o choro. De ouvir a gargalhada, de saber que aquilo agradou... De perceber pelo brilho no olho que aquilo tá funcionando. Então agora é muito difícil saber o que funciona e o que não funciona. É muito... Depende muito do que as famílias possam nos trazer como feedback. E nem todas as famílias têm disponibilidade de tempo e desejo de falar sobre esse feedback. Penso que, objetivamente, o que toca os profissionais seja esse vazio do não contato direto com os alunos.

Fronteiras em Psicologia: O que você considera importante destacar a respeito do tema “inclusão” no contexto da quarentena?

Cheila Maria Schröer: Eu acho que a quarentena é a inclusão propriamente dita. Primeiro, a inclusão do respeito à saúde do outro e de poder se manter em casa. A inclusão do saber que tu tem um grupo de alunos heterogêneo e que o aprendizado de cada um vai se dar de uma maneira muito particular porque as competências são diferentes também. A

inclusão de entender que tem gente que vai acessar a plataforma e tem gente que não vai, e que o não acesso à plataforma não significa um desleixo em relação à escola e sim uma impossibilidade, que aí nós vamos poder falar de diversas ordens, inclusive o fato de que às vezes a família tem um computador em casa — até por que ela não ficava em casa — o pai ou a mãe, ou o pai e a mãe estão tendo que trabalhar full time remotamente, não têm como dar esse computador à criança pra que ela possa acompanhar no nível de necessidade o seu processo de escolarização... então eu acho que... me parece que, assim, a palavra que mais cabe nesse momento pandêmico seja de fato a inclusão, porque a gente tá precisando se reinventar todos os dias, e me parece que a própria inclusão é essa reinvenção, é esse respeito, à capacidade, à competência de cada um de nós, e daí eu vou poder falar tanto de profissionais que possam lidar com essa questão do trabalho remoto de uma maneira mais serena, e outros que não conseguem lidar bem porque precisam que as coisas sejam feitas no presencial, o que agora nesse momento é impossível.

Fronteiras em Psicologia: Como professora de filosofia, que pergunta(s) você faria a um(a) estudante de psicologia, na intenção de convocar ao pensamento a respeito deste momento histórico?

Cheila Maria Schröer: E com relação à tua pergunta número 4 eu acho que eu brincaria um pouco do Sócrates. Eu acho que Sócrates foi... para mim ele é um gênio, e quando ele começa a querer formatar o pensamento humano sobre os sentimentos, ele faz isso tudo em forma de questões, entendendo o quanto as respostas vão ser diferentes... E eu perguntaria: “A que tu darias atenção num primeiro momento diante de uma criança numa situação de pandemia?” ou “A que tu darias atenção em primeira instância pra uma família que chega num desajuste, que é o que a gente tem visto bastante nesse momento?”

Eu percebo que os estudantes de psicologia muitas vezes são postos numa realidade teórica distanciada da prática, e nesse momento também não existe muito como ter tido uma prática de algo que aconteceu a última vez em 1920. Eu, coincidentemente, nas férias, li um livro do Rui Guerra sobre as mulheres dos anos 20 no Rio de Janeiro e toda a chegada da gripe espanhola no Brasil através do porto do Rio, e me parecia tão surreal aquilo, e eu não imaginaria que em três meses da minha leitura eu estaria vivendo a mesma cena. Então eu acho que o exercício de perguntas para os estudantes de psicologia é exatamente essa: é

uma réplica da produção do Sócrates com esse entendimento do que possa ser a nossa capacidade de sentir numa hora como essa.

E ainda sobre escola, eu queria te dizer que a gente não pode tudo, mas a gente pode mais, então essa pra mim é a prova disso: a gente pode mais nesse momento. Nós temos que acolher as diferenças, a gente precisa que a aprendizagem seja de fato heterogênea. Talvez a gente tenha que aprender muito mais coisas do que aquilo que nos ensinaram, mas a gente vai estar aprendendo sempre. E a gente precisa buscar sempre novas formas de nos relacionarmos com o conhecimento, e essa é a prova disso, né, pra que não pareça um fracasso esse caminho que a gente tá tendo que seguir nesse momento. E mais do que tudo, eu acho que a gente precisa a partir dessa experiência produzir nas crianças a certeza de que nós, os adultos desse tempo, fomos capazes de contingenciar os sentimentos deles e as dificuldades deles. Que embora nós estejamos todos sentindo muito, ainda assim a gente, teoricamente, é menos vulnerável que eles, né?